

---

## **Descoberta e adaptação: o primeiro contato de pais de filhos surdos com a Libras**

Milene Rodrigues Marcolino

Universidade São Francisco

### **Resumo**

O presente artigo apresenta as dificuldades encontradas na descoberta da surdez dos filhos de pais ouvintes. Com a necessidade de comunicação, destaca-se que a língua de sinais é o caminho pelo qual o surdo pode desenvolver suas habilidades linguísticas, devendo ser a primeira língua da criança surda e a segunda dos pais. O objetivo da pesquisa é compreender as estratégias de comunicação utilizadas pelos pais de filhos surdos e a importância da Libras no âmbito familiar. A metodologia utilizada é de cunho qualitativo e bibliográfico é feita uma resenha de artigos que tratam do tema da surdez.

**Palavras-chave:** surdez; pais ouvintes; Libras; comunicação.

---

## **Discovery and adaptation: the first contact of parents of deaf children with sign-language**

### **Abstract**

This article presents the difficulties encountered in discovering the deafness of the children of hearing parents. With the need for communication, it is emphasized that sign language is the way in which the deaf can develop their language skills, and must be the first language of the deaf child and the second of the parents. The objective of the research is to understand the communication strategies used by parents of deaf children and the importance of Libras in the family. The methodology used is of a qualitative and bibliographical nature and the interpretative analysis.

**Keywords:** deafness; hearing parents; Sign-Language; Communication.

---

## **Introdução**

A linguagem é a forma que a criança e todos os seres humanos utilizam para se comunicar com o outro, como uma tentativa de compreender e ser compreendido. A família é a fonte primária dessa socialização, o vínculo inicial entre o indivíduo e o mundo social, com isso a expectativa dos pais é a comunicação com seus filhos. Porém, ao falarmos de crianças surdas com pais ouvintes, essa situação comunicativa, por vezes, é um processo atribulado, que traz grandes dificuldades aos pais quando se deparam com a probabilidade de seu filho desenvolver uma língua diferente da sua.

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é o caminho pelo qual o surdo pode desenvolver suas habilidades linguísticas, devendo ser a primeira língua da criança surda e a segunda dos pais, considerando que esse aprendizado não deve ser tardio, já que pode trazer prejuízos à criança. No entanto, o uso da Língua de sinais ainda é muito escasso no país, mesmo com o seu reconhecimento legal.

Ao longo da gestação, os pais idealizam seus filhos em suas mentes, fantasiam sobre tudo,

---

como: sexo, desempenho escolar, carreira profissional e orientação sexual. A descoberta da perda auditiva requer um processo de desconstrução da idealização anterior.

Em vista do contexto apresentado acima, este artigo tem como tema a necessidade de comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos através da língua de sinais, levando em consideração as diversas tentativas equivocadas de contato através da língua oral no processo inicial do desenvolvimento da criança.

Diante desses aspectos, essa pesquisa tem como objetivo compreender as estratégias de comunicação utilizadas pelos pais de filhos com perda auditiva e a necessidade do aprendizado da língua de sinais pelos familiares da criança surda. Além de entender como os pais se sentem quando têm um filho surdo, sendo ouvintes.

Com a descoberta da perda auditiva, o que pode ser algo rápido ou tardio, os pais precisam encontrar métodos eficazes para se comunicar com seus filhos. Nesse sentido, este artigo pretende contribuir para discutir a dificuldade do primeiro contato com a surdez e conseqüentemente com a Libras, refletindo sobre a sua importância no âmbito familiar. Tendo em vista que, apesar do seu reconhecimento legal, a utilização da língua de sinais ainda não é efetiva devido à falta de informação sobre a surdez e até mesmo a não aceitação da deficiência, portanto, este trabalho é de grande relevância para elencar os impasses presentes na adaptação dos pais ouvintes com seus filhos surdos e relatar o desenvolvimento dessa relação.

Para nortear essa pesquisa, foram elaboradas três questões para o estudo, sendo elas: 1) Quais as estratégias utilizadas para a comunicação com as crianças surdas antes de recorrer a libras? 2) Em que momento os pais ouvintes com filhos surdos sentem a necessidade do aprendizado da língua de sinais? 3) Qual a dificuldade no aprendizado da língua de sinais?

A desconstrução da idealização dos filhos projetada pelos pais pode ocasionar o sentimento de desespero, dúvidas e incertezas. Ao longo da adaptação, acredita-se que os pais reconheçam a importância de um novo meio de comunicação para com seus pequenos, iniciando uma nova etapa de aprendizado que pode ser difícil, considerando a rotina de todos, entre outros obstáculos.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa é de cunho bibliográfico e serão investigados artigos que tratam do tema supracitado e que tenham em seu texto depoimentos de pais ouvintes que tiveram filhos surdos, tendo como foco as reações desses pais ao tomarem ciência de que seus filhos nasceram surdos.

Este artigo se subdivide em três partes. Na primeira parte do artigo, encontra-se a história da surdez no Brasil, destacando os marcos mais importantes até os dias atuais. Na segunda parte é abordado o início e o desenvolvimento da Língua Brasileira de Sinais. Em seguida, será exposta

---

a análise sobre a adaptação dos pais ouvintes com seus filhos surdos em busca de um novo meio de comunicação, apresentando as suas dificuldades e/ou facilidades encontradas no aprendizado da língua brasileira de sinais. Por fim, as considerações finais.

### **A História da surdez no Brasil**

O sujeito surdo existe há muito tempo, antes mesmo de começar os estudos para o desenvolvimento e transformações da comunidade surda. Reconhece-se que ainda há muito a ser estudado e aprimorado e, para que isso ocorra, é essencial o conhecimento histórico da surdez.

A história do povo surdo se inicia há muitos séculos atrás, sendo contada em seus diferentes contextos pelo ponto de vista dos ouvintes. Os surdos, no entanto, na maioria das vezes, são esquecidos e desvalorizados tanto profissionalmente, quanto socialmente.

Na Antiguidade, os surdos eram considerados incapazes, por conta de não ouvir e não desenvolver a fala. Nesse período, as pesquisas científicas nessa área de estudo eram escassas, fazendo com que os sujeitos surdos fossem estereotipados como “anormais”.

[...] dizem que aceitam os surdos, que aceitam a língua de sinais e a cultura surda, mas ainda vêem surdos como ‘anormais’, pois acham que falta algo na vida dos surdos e isto dificulta que os mesmos construam as suas identidades surdas com sua diferença cultural, isto é porque para a sociedade, a falta de audição é ser ‘anormal’. (STROBEL, 2008, p.28).

Para Strobel (2008), a sociedade acreditava que para ser ‘normal’ era necessário saber falar e ouvir, ocasionando a exclusão da vida social e educacional dos surdos, já que não havia escolas especializadas e nenhuma lei que garantia a capacidade deles. Fatos históricos revelam que durante muitos séculos as famílias escondiam seus filhos surdos, pois os mesmos eram tratados com brutalidade, sendo torturados e até sacrificados com o intuito de um aperfeiçoamento da raça, sustentando a filosofia da eugenia que consistia na seleção e exclusão de seres humanos indesejáveis, tendo como base as características genéticas, a fim de “melhorar” as gerações futuras, assim como o ocorrido com os judeus. Na igreja católica, durante a idade média, os surdos eram discriminados e tidos como sujeitos sem salvação, pois acreditavam que, como não conseguiam ouvir, também não seria possível o entendimento dos dogmas e códigos religiosos, além do fato de não falarem oralmente para a confissão dos pecados, nunca seriam absolvidos dos mesmos, vivendo sempre em pecado. Diante disso, somente os surdos que eram oralizados podiam

---

herdar os bens de sua família e casar, caso contrário, eram impedidos.

Posteriormente, na Modernidade, com as experiências sociais, culturais e econômicas deu-se abertura para uma nova perspectiva sobre a necessidade de educação dos surdos para que pudessem ingressar e participar da vida em sociedade.

No início do século XVI, surgem relatos de diversos educadores dispostos a trabalhar com surdos, considerando as suas possibilidades de aprendizagem. O objetivo educacional era desenvolver o pensamento, aquisição de conhecimentos e a comunicação com o mundo ouvinte, buscando, assim, ensinar os surdos a compreender a língua falada. Desse modo, na área educacional havia um acordo unânime de que os surdos deveriam adquirir a língua dos ouvintes da sociedade na qual viviam, sendo que somente se beneficiavam deste trabalho os surdos pertencentes a famílias nobres e influentes, para que assim pudessem alcançar seus direitos legais (LACERDA, 1998 apud et.al GIAMMELARO, p.510).

A educação dos surdos iniciou-se na Espanha através do monge beneditino Pedro Ponce de Léon, que se empenhou em ensinar os surdos a ler, escrever, ‘falar’ e principalmente a compreender as doutrinas da fé católica. Com esse trabalho, o monge comprovou as falsas indagações sobre a incapacidade dos surdos referentes ao desenvolvimento da linguagem e conseqüentemente ao de qualquer aprendizagem. Fazer os surdos falarem significava ser um sujeito pensante. (ARAÚJO, 2017)

Segundo Strobel (2008), quando estudamos a trajetória dos surdos nos deparamos com três representações dos sujeitos surdos em diferentes olhares na história: o Historicismo, a História camuflada e a História cultural. No primeiro, os surdos eram considerados como deficientes e patológicos, relacionando com anormalidades nos ouvidos, nas cordas vocais e até mesmo no cérebro.

Strobel (2008, p.30) relata que

A imagem dos surdos como ‘deficientes’ está atada na imagem mental dos sujeitos ouvintes, pois sujeitos surdos são considerados ‘exóticos’, isto é, ‘diferentes’ para o povo ouvinte, que faz mexer com a cabeça, criando o ‘imaginário’, um tipo de autonegação da sociedade ouvinte que não está pronta para receber ou concordar com a cultura surda, pois ainda veem o povo surdo como ‘incapazes’.

Com o avanço dos estudos da medicina sobre a surdez, os sujeitos surdos começaram a ser classificados pelo seu grau de surdez, sua educação tinha um caráter clínico terapêutico, no qual aplicava-se estratégias corretivas e reparadoras com o intuito de se enquadrar à “normalidade”.

---

Na representação da história camuflada, a sociedade tem receio de se relacionar com o povo surdo, ficando apreensivos e preocupados gerando uma concepção paternalista, onde os surdos são vistos como “coitadinhos”, seres que necessitam sempre de auxílio para se promover e se integrar, além de serem tratados de forma preconceituosa como se tivessem uma doença contagiosa. A educação era concebida como caridade, “os surdos ‘precisam’ de ajuda para apoio escolar, porque tem dificuldades de acompanhar” (STROBEL, p.78). Nesse período, era priorizada a visão religiosa, pois as condutas de caridades e assistencialistas eram responsabilidade e missão das igrejas, devido aos registros encontrados sobre a dedicação dos líderes religiosos pelo cuidado com a educação dos surdos.

Na terceira representação, da História cultural, considera-se que é mediante a cultura que o povo se constitui, integra e se identifica, no caso dos surdos, é o meio em que eles constroem sua identidade surda dentro da sociedade. A comunidade reconhece a existência do ‘povo surdo’ e da ‘cultura surda’, porém não conhece verdadeiramente quem são, quais são seus costumes e tradições.

Conclui-se que, para a sociedade, o povo surdo se constitui por sujeitos presentes somente na imaginação. É importante compreendermos que o povo surdo é um grupo de pessoas que possui características culturais comuns entre eles, como costumes, organização, regras etc. Ou seja, constroem sua percepção do mundo através das experiências visuais. Algo que se diferencia do ‘povo surdo’ é a ‘comunidade surda’ que na realidade não é composta somente de surdos, mas sim de todos a sua volta, sendo ouvintes ou não, como por exemplo a família, os intérpretes, professores, amigos entre outros que possuem participação ativa e interesses em comum na vida dos surdos.

A representação da história cultural traz a educação dos surdos como forma de aceitação de suas diferenças culturais, e a língua de sinais é uma das manifestações dessa diferença. A definição da surdez e da língua está unida a diferentes conceitos das terminologias reconhecidas socialmente como: o deficiente auditivo, a surdez, o surdo. Gerando vários questionamentos sobre como devemos nos referir ao povo surdo. Strobel (2008) aborda que, para o povo surdo a expressão “Deficiente Auditivo” é rejeitada, pois caracteriza o surdo diante da sua capacidade e não pela existência de uma cultura linguística diferente. A autora volta a dizer que esse termo (Deficiente Auditivo) é habitualmente usado na área da saúde, e para a comunidade o ideal é a utilização do termo “surdo”, pois compreende-se que esta terminologia se relaciona com a diferença cultural.

Segundo Araújo (2017), o processo de construção da identidade cultural em conjunto com o desenvolvimento da cognição e linguagem é estimulado, sobretudo pela comunicação através da

---

língua de sinais, algo que pode ser considerado de extrema dificuldade e insignificância para a sociedade, pelo fato de termos a língua portuguesa como primeira língua ou língua materna, e rejeitarmos as outras. Os adultos que impossibilitam seus filhos ao aprendizado da língua de sinais terão uma imensa dificuldade em compreender o que se passa na cabeça de uma criança surda. Como todos, temos os nossos sentimentos que, na maioria das vezes, é essencial compartilhá-los com o próximo, principalmente com a família. Caso não haja essa comunicação é possível o surgimento da sensação de solidão e exclusão ocasionando o ódio, entre outros sentimentos negativos.

### **O desenvolvimento da Língua Brasileira de Sinais**

Considerando o fato de que o Brasil possui mais de 200 línguas, podemos identificá-lo como multilíngue. Porém, em muitos lugares do país, a língua portuguesa além de ser considerada a primeira língua também é vista como única, sendo que as demais parecem ser ignoradas

Muitos debates da história da surdez trazem questões sobre se os surdos deveriam utilizar a mesma língua dos ouvintes em sua educação ou se deveriam ser autorizados uso da língua de sinais, pois a mesma era considerada um impasse no desenvolvimento cognitivo dos surdos, acreditando que somente a língua oral dava acesso ao conhecimento.

A partir do século XIX, a educação dos surdos passou por três correntes comunicativas: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo. A primeira corrente garante técnicas que propiciava a fala, leitura labial e o treinamento da fala. A comunicação total é a associação do oralismo com o gestualismo, ou seja, essa corrente defendia todas as formas de comunicação como válida sejam elas: fala, mímicas, língua de sinais, alfabeto manual (código de representações das letras alfabéticas), leitura e escrita. Foi nessa corrente que se iniciou um novo olhar para a língua de sinais.

Posteriormente, o bilinguismo, que é a corrente comunicativa mais recente na qual vivemos, consiste no ponto de vista de que a língua de sinais convive de modo horizontal com a língua oral, porém não são sincrônicas. Para Capovilla (2002, apud TRINDADE, 2016, p.11), “o objetivo do bilinguismo é que os surdos compreendam e se comuniquem fluentemente em língua de sinais, mas também leiam e escrevam com fluência no idioma em que vivem”. O bilinguismo traz, de certa forma, um fascínio social, considerando que saber duas línguas pode ser um identificador relevante na vida de uma pessoa.

---

Assim como qualquer idioma, a apropriação da língua de sinais se dá com a necessidade de comunicação e/ou a mediação da criança surda com o universo em sua volta, ela descobre os sinais como uma forma de se comunicar. Esse processo torna a língua de sinais como a língua natural dos surdos. Segundo Santos (2018) a linguagem de sinais é constituída dos mesmos mecanismos que as línguas orais, o que os diferencia é o seu canal de realização, ou seja, a língua de sinais faz o uso das mãos, ao invés da fala.

A aceitação dessa língua, no Brasil, não ocorreu de forma rápida, sendo vista como um símbolo da luta dos movimentos e reivindicações, levando a refletir sobre a sociedade brasileira diante das organizações dos surdos.

No Brasil, a língua de sinais teve seu início em 1857, quando um francês que ficou surdo aos 12 anos de idade, Eduard Huet, veio ao Brasil com a intenção de formar a primeira escola para pessoas surdas, atual INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). Essa instituição trouxe diversas discussões mundiais a respeito da educação dos surdos. Na época, os propósitos da educação dos sujeitos surdos e mudos não eram tão diferentes dos ouvintes, ambos tinham a finalidade de dar aos alunos uma educação religiosa, moral e intelectual. Porém, o processo de ensino dos alunos surdos recebia o nome de “regeneração”, ou seja, o objetivo era de certa forma reconstruir as pessoas surdas, com o intuito de estabelecer a “normalidade” para que pudessem viver uma vida em sociedade.

Apesar de não estar incluso no currículo, a língua que os surdos usavam para se comunicar dentro do instituto era denominada de linguagem de surdos e mudos. Os sinais não eram proibidos, mas ainda estavam longe de serem reconhecidos no processo educacional dos surdos.

Com o passar do tempo, o Instituto de Surdos-mudos do Brasil obteve diversos diretores. Sendo um deles Tobias Leite que acreditava em uma educação que buscava beneficiar um ofício aos surdos, de modo que se sentissem úteis para a sociedade. Segundo Rocha (2007, apud SANTOS 2018, p.40) “Em sua opinião, o objetivo dos Institutos de Surdos não era o de formar homens de letras, mas ensiná-los uma linguagem que os habilita a manter relações sociais, tirando-os do isolamento provocado pela surdez”.

De acordo com Santos (2018), em 1987 o Instituto ganhou uma nova gestão, Lenita de Oliveira Viana, que através dos resultados obtidos de suas pesquisas passou a considerar a língua de sinais pela primeira vez, fazendo parte do projeto pedagógico do Instituto.

Porém, somente no ano de 2002 que Língua Brasileira de Sinais foi reconhecida oficialmente como estatuto linguístico pela lei nº 10.436 no dia 24 de Abril. Tal lei estabelece em seu Artigo 1º que “é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a língua brasileira

---

de sinais- libras e outros recursos de expressão a ela associados” (BRASIL, 2002).

É possível analisar que a lei passou a dar algumas garantias de melhoria com relação ao surdo principalmente no que se refere à educação, propondo assim mudanças nas formas de tratamento direcionadas a pessoa surda. Isso é algo notável, pelo fato de que a história nos mostra como era o tratamento para com as pessoas surdas. (SÁ, 2016, p.10)

Mesmo com o seu reconhecimento por lei, a LIBRAS ainda é pouco reconhecida pelos ouvintes, dificultando os sujeitos surdos a conectar-se, de maneira imediata, às informações de uma sociedade predominantemente ouvinte.

A LIBRAS é de modalidade visual-espacial, constituída por uma combinação de movimentos das mãos com configuração e locais específicos. Assim como as línguas orais, as línguas de sinais também são elaboradas com diferentes níveis linguísticos: aspectos fonológicos; aspectos morfológicos; aspectos sintáticos; aspectos semânticos; aspectos pragmáticos. Necessita-se da apropriação do conceito de que essa língua possui gramática e estrutura própria que auxilia na compreensão do surdo. Sua estrutura consiste em: Configuração das Mãos (CM), Pontos de Articulação (P.A) e/ou Locação (L), Movimento (M), Orientação da palma da mão (Or) e expressões não-manuais (ENM).

Para entender melhor cada uma dessas características da estrutura, conhecidas como Parâmetros da Língua de Sinais, explicarei brevemente cada uma delas a seguir.

A Configuração das Mãos consiste na forma em que a mão ou mãos se apresentam na produção de um sinal, vale ressaltar que a configuração das mãos vai além da representação do alfabeto manual. Posteriormente, os Pontos de Articulação é o local em que o sinal é realizado, pode ser em uma área do corpo ou em uma área denominada espaço neutro.

Com o Movimento é possível direcionar o verbo, intensificar e diferenciar substantivo de verbo. Para Santos (2018, p.93), “o movimento é um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do punho, os movimentos direcionais no espaço até conjuntos de movimentos no mesmo sinal”. A Orientação da palma da mão, como o nome já diz, é a direção em que a palma da mão aponta na realização de um sinal. Por fim, as Expressões não-manuais consistem na garantia de sentido dos sinais, esse parâmetro é composto por movimento do rosto, dos olhos, da cabeça ou do tronco. É de grande relevância destacar que a mudança de algum desses parâmetros na realização de um sinal pode provocar alteração em seu significado, causando equívocos no momento da

---

comunicação.

A LIBRAS, como qualquer outra língua, permite que os surdos expressem qualquer pensamento, seja ele abstrato ou concreto. No caso das crianças surdas que não apoderam-se de uma língua podem ficar isoladas em seus pensamentos, além de prejudicar significativamente o seu desenvolvimento.

Os adultos ouvintes que privam seus filhos da língua de sinais nunca compreenderão o que se passa na cabeça de uma criança surda. Há a solidão, a resistência, a sede de se comunicar e algumas vezes o ódio. A exclusão da família da casa onde todos falam sem se preocupar com você. Porque é preciso sempre pedir, puxar alguém pela manga ou pelo vestido para saber, um pouco, um pouquinho, daquilo que se passa em sua volta. Caso contrário, a vida é um filme mudo, sem legendas. (STROBEL, 1994, p.59)

Desde pequena a criança desenvolve a linguagem através das interações sociais, de modo que quanto mais cedo possível a criança surda entra em contato com a língua de sinais, melhor e mais significativo será o seu desenvolvimento.

### **O encontro com a surdez**

Nesta parte do artigo, apresentaremos, a partir da leitura de alguns autores, a relação entre a família, particularmente, os pais, e os filhos surdos, tendo como foco, as reações desses pais quando recebem a notícia de um filho surdo.

A família pode ser considerada a fonte primária de socialização, é o vínculo inicial entre o indivíduo e o mundo social, influenciando diretamente no desenvolvimento humano, como também sendo responsável pelo nascimento da linguagem.

A família pode ser definida, segundo Soifer (1982), como um núcleo de pessoas que convivem em determinado lugar, durante um lapso de tempo mais ou menos longo e que se acham unidas (ou não) por laços consangüíneos. Este núcleo, por seu turno, se acha relacionado com a sociedade, que lhe impõe uma cultura e ideologia particulares, bem como recebe dele influências específicas. A língua é um dos traços culturais passados de geração à geração, e, neste caso, a expectativa dos pais é de que seus filhos se comuniquem com eles (LEBEDEFF, 2001, p.1)

A linguagem é a forma em que a criança e todos os seres humanos utilizam para se comunicar com os outros, como uma tentativa de compreender e ser compreendido. Quando a

comunicação oral entre pais e filhos se encontra impossibilitada, o prejuízo é certo.

Segundo Digiampietri (2009), a maioria das pessoas que nascem surdas ou ficam surdas nos primeiros anos de vida são nascidos em famílias ouvintes, que muitas vezes demoram anos para se dar conta da falta de audição de seus filhos.

A maior parte dos pais ouvintes não possuem histórico de surdez na família, sendo assim, desconhecem as particularidades desse assunto e na maioria das vezes enxergam como uma deficiência. Porém, o surdo deve ser tratado como diferente, e não como deficiente, como abordado anteriormente, o termo deficiente refere-se a algo que precisa ser consertado, enquanto o diferente compreende que existe uma língua, uma cultura e uma identidade a ser respeitada.

Ao longo da gestação, os pais planejam tudo sobre o futuro de seus filhos, desde o sexo até a carreira profissional. A descoberta da perda auditiva requer um processo de desconstrução desse planejamento.

Segundo Paiva et al. (2008), no primeiro momento da descoberta, a reação é de choque, trazendo muitas dúvidas e incertezas. Digiampietri (2009), em entrevistas realizadas com mães ouvintes de crianças surdas, relatou que no momento da descoberta da surdez os médicos não foram totalmente transparentes nas informações sobre os níveis de surdez (leve, moderada, severa, profunda) e muito menos houve recomendações sobre os próximos passos a serem seguidos, apenas soltaram a informação, literalmente. Segundo a pesquisa realizada pela autora Paiva et al. (2008), pode-se observar 5 estágios desde que os pais recebem a notícia de que seu filho é surdo. No primeiro estágio, as mães entrevistadas relatam que tiveram a impressão de que seus filhos viveriam em um mundo completamente diferente do seu e começam a tentar fazer as crianças falarem e fazer barulhos altos esperando alguma reação, sem sucesso.

O segundo momento, de acordo com Paiva et al. (2008), consiste no reconhecimento da situação, no qual os pais começam a admitir a situação emocional, encontrando-se confusos e oprimidos, devido ao receio de serem inaptos na criação de um filho surdo ao se depararem com os diversos termos e procedimentos específicos ao tema, levando-os a uma reação de pânico. A autora também relata outros sentimentos que podem surgir nesse estágio, são eles: raiva, depressão, culpa e superproteção. Iniciando-se o terceiro estágio, no qual os pais passam a sentir pena da criança e começam a se culpar, tentando se recordar de alguma situação ou irregularidade na fase gestacional, com o objetivo de encontrar justificativas para a perda da audição de seu filho, considera-se uma reação defensiva ou de negação.

A autora descreve que o quarto estágio é o momento da admissão e aceitação, os pais admitem a surdez e suas limitações, isso é possível, principalmente, pelo trabalho essencial dos

---

fonoaudiólogos, que são os grandes responsáveis por aliviar e direcionar as preocupações dos pais ouvintes. Chegando ao quinto estágio que compõe a adaptação, momento em que os pais reestruturam suas vidas e reavaliam seus valores.

Por sua vez, Paiva et al. (2008) comentam que:

As reações da mãe dependem, na maioria das vezes, do quanto ela já suspeitava de que algo não estava caminhando bem, de quando e como foi feito o diagnóstico, da maneira como os profissionais da área médica passaram as informações a respeito da surdez e o quanto de conhecimento a família tem do que é a surdez, suas crenças, idéias, preconceitos em relação à pessoa surda. (PAIVA et al. 2008. p.182)

Pode-se observar que uma intervenção precoce auxilia a criança, mas principalmente as famílias, no que diz respeito à adaptação à surdez, possibilitando a participação de programas específicos com o objetivo de melhorar a interação entre os familiares.

O ingresso a esse novo mundo se descomplica, de certo modo, com o primeiro contato com um fonoaudiólogo, pois a família se tranquiliza ao receber informações claras e objetivas sobre os diferentes tipos de surdez, sobre a Libras, sobre as opções de oralização e as escolas especializadas. Para Digiampietri (2009), quanto maior o contato com esses profissionais, maior é o conhecimento sobre a Libras, reconhecendo que esta língua é uma maneira legítima e válida de comunicação. Além disso, todo o suporte e a orientação dados por eles, auxilia na desconstrução do pensamento sobre a surdez.

Digiampietri (2009) observou em seu estudo, que os pais ouvintes entendem a surdez como uma impossibilidade de comunicação e não como a falta de audição. Dessa forma, quando seus filhos começam a se comunicar por meio da língua de sinais, a surdez deixa de ser um obstáculo. Segundo o autor, é quando os pais visitam escolas e instituições especializadas e vêem outras crianças surdas se comunicando entre si que percebem que seus filhos também são capazes de se comunicar e, quando isso ocorre, a surdez passa a ser algo insignificante comparado às doenças ou deficiências graves que a criança poderia ter.

O impasse na comunicação entre pais e filhos acarreta diversos conflitos, como a dificuldade de compreender suas necessidades, problemas de socialização e o surgimento de comportamentos agressivos por parte da criança. O cenário ideal para que o indivíduo não sofra futuros danos linguísticos é que ela cresça em um ambiente em que a língua de sinais esteja sempre presente. A resistência da utilização desse novo meio de comunicação reflete a negação dos pais sobre a surdez, causando uma infinidade de problemas, tanto para a família quanto para o sujeito

---

surdo.

Os efeitos da restrição das experiências de linguagem são geralmente associados a estereótipos da pessoa surda, caracterizada como aquela que tem apenas pensamento concreto, elaboração conceitual rudimentar, baixa sociabilidade, rigidez e imaturidade emocional, entre outros. (GÓES, 1999 apud et.al OLIVEIRA 2004 p.189)

Nas entrevistas realizadas por Digiampietri (2009), os pais ouvintes, no decorrer do desenvolvimento da criança surda, sentem a necessidade do aprendizado da Libras, em um dos casos, as aulas de língua de sinais eram um requisito para a matrícula do aluno surdo na escola especializada, em outro caso, o sonho de uma avó é de se tornar intérprete de sua neta no futuro. A grande dificuldade dos pais e familiares em relação à aprendizagem da língua de sinais é na conciliação dos estudos com o trabalho, muitas vezes somente uma pessoa da casa se familiariza com a língua, devido ao tempo de dedicação, além do receio em começar um novo estudo, principalmente pela idade, mas com muito esforço e para um bem maior, continuam. Os demais vão se adaptando e aprendendo aos poucos com a ajuda do próprio surdo.

No momento em que os pais reconhecem a importância da língua de sinais e se dedicam a aprendê-la o quanto antes o resultado é positivo, repercutindo em todas as áreas da vida, principalmente em relação à ansiedade e insegurança vivenciadas pela família, pois percebe-se a melhora na interação com a criança, dando a certeza e a segurança que estão seguindo o caminho correto. Aquilo que era visto como um grande problema, se torna algo pequeno.

### **Conclusão**

Todos os seres humanos sentem a necessidade de se comunicar, de compreender e ser compreendido, de compartilhar os seus sentimentos e emoções, caso contrário muitos sentimentos negativos podem surgir, como a solidão, a exclusão, comportamentos agressivos, etc. No caso dos sujeitos surdos, essa necessidade se torna mais difícil, gerando uma grande preocupação aos pais ouvintes no momento da descoberta da surdez.

Essa preocupação ocorre pelo fato das inúmeras idealizações que os pais possuem sobre seus filhos, sobre o futuro deles, e, principalmente pelo medo e incertezas de como irão criar uma criança surda. A maioria dos pais ouvintes não possuem casos de surdez na família, sendo assim, desconhecem suas particularidades e acabam vendo seus filhos como deficientes.

---

A trajetória do povo surdo é longa e cheia de obstáculos, ainda existe muito a ser estudado e aprimorado e, para que isso ocorra, é de extrema importância a compreensão de que o sujeito surdo não deve ser tratado como deficiente, e, sim como diferente, pois o termo “deficiente” refere-se a algo que necessita de concerto retrocedendo a todas as lutas do povo surdo até os dias de hoje, já o termo “diferente” reconhece a existência de uma língua, uma cultura e uma identidade a ser respeitada.

Os pais ouvintes passam por diversos momentos difíceis até chegar na aceitação e adaptação à surdez, é uma etapa longa e só é possível com o esforço de todos e com o apoio de profissionais capacitados, como os fonoaudiólogos, que tornam esse caminho mais tranquilo, pois requer muitas mudanças e desconstruções em busca de um novo meio de comunicação para terem uma melhor interação com seus filhos.

Antes de recorrer à língua de sinais, os pais tentam fazer os seus filhos falarem, através da imitação e/ou leitura labial, sem sucesso começam a fazer barulhos altos, como, por exemplo, bater tampas de panelas, com o objetivo de uma reação. De acordo com o nível de surdez da criança, os pais até podem ver algum sinal de evolução, porém não é o suficiente, e, sentem a necessidade de um meio de comunicação mais eficaz.

O aprendizado da Libras requer muita paciência e dedicação, pois são muitos detalhes e regras a serem adquiridos e o seu mau uso pode interferir no significado dos sinais. Sendo assim, esse processo pode ser de grande dificuldade para os pais e familiares, principalmente pelo fato de acreditarem que não são capazes de começar um novo estudo, além de terem que conciliar os estudos com o trabalho, geralmente somente uma pessoa da família dedica um maior tempo às aulas, os demais aprendem na convivência com o próprio surdo.

Com tantas dificuldades à vista, é preciso de muito esforço e dedicação, pensando sempre no objetivo final que é, principalmente, a comunicação do sujeito surdo e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida para ele. Tendo isso em mente, e, com a ajuda de profissionais qualificados, a adaptação e o convívio com a surdez torna-se mais descomplicado.

## Referências

ARAÚJO, V. P. V. de. *O serviço social na garantia de direitos das pessoas surdas: desafios e possibilidades*. Natal, 2017. p.38.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no

---

10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] União, Brasília, DF, 23 dez. 2005.  
Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm)>. Acesso em: 24 mar. 2020

DIGIAMPIETRI, M. C. C. *Narrativas de mães ouvintes de crianças surdas: oralidade, metáfora e poesia*. 2009. 226f. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GIAMMELARO, C. N. F.; GESUELI, Z. M.; SILVA, I. R. *A relação do sujeito/linguagem na construção da identidade surda*. Educ. soc. Campinas. v. 34, n. 123, p. 509-527, abr./junho 2013. Disponível em: <<http://www.cedes.unicap.br>> Acesso em: 14 de junho de 2020.

LEBEDEFF, T. *Família e surdez: algumas considerações sobre o impacto do diagnóstico e a necessidade de orientação*. Revista Educação Especial, Santa Maria, n.17, 2001. DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X>. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial>> Acesso em 20 de outubro de 2020

PAIVA, A. B *et al.* *Surdez: relato de mães frente ao diagnóstico*. Estudos de Psicologia. Natal, v.12 n.3, 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2007000300001>. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2007000300001&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2007000300001&lng=pt&tlng=pt)> Acesso em 20 de outubro de 2020

SÁ, E. M. B. da. S. *A utilização da Língua Brasileira de Sinais na qualidade da Educação do surdo no âmbito escolar*. Natal, 2016.

SANTOS, A. N. M. dos. *A língua brasileira de sinais na educação de surdos: língua de instrução e disciplina curricular*. 2018. 265f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

STROBEL, K. L. *História da Educação de surdos*. Florianópolis, 2009. Licenciatura em letras - UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

STROBEL, K. L. *Surdos: vestígios culturais não registrados na História*. Florianópolis, 2008. 176f. Tese (Doutorado em Educação) - UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

TRINDADE, C. S. M. T. *Escrever sem o apoio da língua oral: um estudo sobre textos de surdos*. 2016. 116f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

---